

190				
			1686	

Violência

Famílias de índios são expulsas de aldeia

Grupo armado queima casas, agride mulheres e crianças e ameaça o novo cacique reconhecido pela Funai

CARLOS RATTON
Da Sucursal

O cacique tupi-guarani Davi Honório Cardoso, presidente da Associação Hyadé Pamé Dyadye Ruwhyatá, e cerca de 18 famílias indígenas, inclusive 26 curumins (crianças), foram expulsas da Aldeia Bananal, a 18 quilômetros do centro de Peruíbe, segundo Davi Cardoso, pelo ex-cacique João Gomes e família.

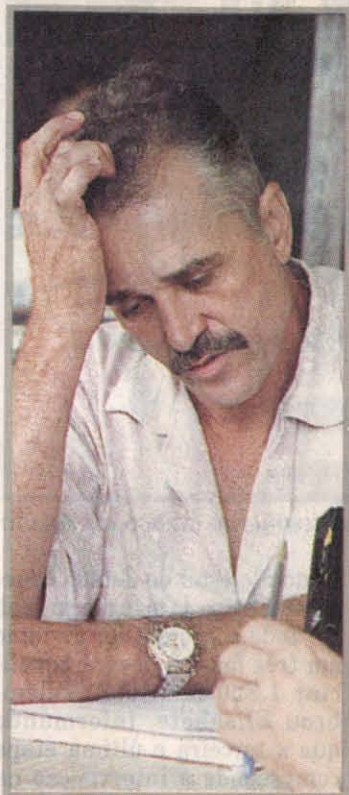
Os índios estão alojados na casa do ex-chefe da Fundação Nacional do Índio (Funai) na região, José Maurino Kirsten, desde a última sexta-feira, dia do confronto, marcado pela violência.

Conforme Cardoso, conhecido como cacique Cunumi-Dju, armados, os índios rebelados, liderados pelo ex-cacique João Gomes, ameaçaram mulheres e crianças, fazendo com que o grupo saísse da aldeia às pressas, para não ser agredido.

"Essa confusão é antiga e tanto a Funai como a Procuradoria Geral de República, com filial em Santos, já sabem do clima de tensão vivido na aldeia. A família de João Gomes lida com drogas e possui armas, causando um clima de terror na aldeia, composta por aproximadamente 38 famílias, que vivem do artesanato e de pequenas plantações", afirma Davi.

Violência — O cacique conta que João Gomes não aceita ter perdido a liderança da tribo, após os membros da Aldeia Bananal e o administrador regional da Funai de Bauru (SP), Rômulo Siqueira de Sá, responsável pelas aldeias do Litoral Sul, terem reconhecido, em dezembro de 1997, Davi como o novo cacique da Aldeia.

"Há cerca de três anos, eu venho moralizando a aldeia, inclusive com apoio da polícia. Para se ter uma idéia, a maconha era utilizada livremente, inclusive perto da escola. O grupo que nos expul-



O cacique Davi Cardoso disse que cerca de 18 famílias, inclusive 26 curumins (crianças), foram expulsas pelos índios liderados pelo ex-cacique João Gomes



sou vivia dando tiros na estrada que dá acesso à aldeia, tomando inclusive o posto da Funai, que fica no local", diz o cacique.

Ele ainda prossegue: "Na última sexta-feira, eles (grupo de índios liderados por João Gomes), quebraram parte da sede da Associação que presido, incendiaram algumas casas e até agrediram minha esposa e ameaçaram crianças. A polícia esteve lá, mas eles se esconderam. Eles querem tomar conta do local para voltar a traficar drogas, como já ocorreu e que, inclusive, têm casos registrados na polícia sobre isso".

Fogo — O índio Marcos Paulo, que faz parte do grupo que saiu fugido da Aldeia Bananal, é testemunha da situação envolvendo a briga pelo comando da tribo.

"Uma das casas que queimaram era do meu pai. Já são três casas queimadas na aldeia. A Polícia não pode fazer nada por falta de provas. Esse grupo vem amedron-

tando todo mundo, inclusive as crianças. Nós viemos para a casa do José Maurino porque só confiamos nele. Não confiamos nos atuais representantes da Funai, até porque nada fizeram para intimidar o grupo de João Gomes", explica.

O ex-chefe da Funai, José Maurino Kirsten, disse ontem que ficou surpreso ao saber que os índios estavam em sua casa, em busca de auxílio. Ele não sabe o que fazer para ajudá-los e qual será o desfecho da história.

"A briga pela liderança da aldeia é muito antiga. Em 1986, quando assumi a chefia da Funai, um dos pedidos da família de João Gomes foi que eu expulsasse os guaranis da aldeia, alegando posse das terras. Checando os documentos, eu percebi que a história não tinha fundamento e me neguei a atender ao pedido", revela Kirsten.

"Dessa data em diante, eu comecei a sofrer uma série de represálias, com denúncias anônimas à direção da

Funai sobre minha pessoa, que culminaram com minha exoneração. Até hoje, embora os índios manifestem apoio à minha pessoa, a direção da Funai de Bauru não me deu direito de defesa e não resolveu o confronto, que culminou com a saída

emergencial dos índios da Aldeia Bananal".

Ontem, por telefone, o administrador da Regional da Funai de Bauru, Rômulo Siqueira de Sá, disse que já estava, junto com uma equipe do órgão, se dirigindo à aldeia para tentar pôr

um fim no confronto. Ele confirmou que o ex-cacique João Gomes não aceita o comando de Davi que, por sua vez, não aceita interferência do novo chefe da Fundação Nacional do Índio, Aurindo Januário, substituto de Kirsten.

Rebeldes ocuparam a reserva à força

A Tribuna foi aconselhada pelos índios e pelo ex-chefe da Funai a não se dirigir à Aldeia Bananal para tentar uma entrevista com João Gomes, porque o grupo dominante, através da violência, impediria a passagem, devido ao clima tenso que ficou estabelecido desde a última sexta-feira. "Não há diálogo. Só a polícia pode intervir. Vocês seriam facilmente localizados e ficariam vulneráveis a ataques do grupo que, pelo uso da força, tomou conta do local", alertou um dos índios.

Em abril de 1998, a disputa pela liderança da Aldeia Bananal já vinha causando dificuldades para a administração regional da Funai. Naquele ano, foram registradas várias ocorrências na delegacia de polícia de Peruíbe, sendo duas delas relacionadas a incêndios em dois barracos e uma outra envolvendo porte de armas e entorpecentes.

Em junho do ano passado, parte dos índios tupi-guaranis da aldeia começou a sofrer novas ameaças por parte do grupo rival, liderado por João Gomes. Na época, o alerta foi dado pelo índio Amarildo Pacheco Eugênio (ou Guyrá Miri Ruixá), um dos líderes da aldeia que apóia o atual cacique Davi Honório Cardoso, eleito pela comunidade.

Amarildo chegou a dizer, na ocasião, que o grupo liderado por João Gomes havia cercado a casa de Davi e tinha feito ameaças de agressão a todos que estavam no local. A polícia foi acionada e, em reunião envolvendo os índios, dirigentes da Funai e policiais federais, ficou determinada a proibição do uso de armas de fogo e entorpecentes na aldeia.

Como a determinação não

foi cumprida, Amarildo começou a criticar a omissão da Funai. Ele dizia que, se o órgão ou a Justiça não agissem com rapidez na questão, os índios acabariam sendo expulsos ou mortos. Ao que tudo indica, por enquanto e felizmente, principalmente em virtude da quantidade de mulheres e crianças que vivem na Aldeia Bananal, apenas a primeira parte da premonição foi concluída.